

RIO DE MOINHOS

1902

# Folhas Soltas

DEZEMBRO

NUMERO 2

Director e editor,  
Francisco Egidio Salgueiro

Composição e impressão na Typographia de Fragozo & Leonardo—Portalegre



José Alves Pimenta d'Avellar Machado







## José Alves Pimenta d'Avellar Machado

**H**A homens que nos captivavam pela sua physionomia sympathica e insinuante, antes de lhes apreciarmos de perto os seus finos do-tes d'espírito e de coração.

Mas quando elles nos manifestam toda a pujança do seu talento e todas as suas poderosas faculdades de trabalho, vivendo honradamente n'uma luta constante e desinteressada para bem servirem a causa publica, esses homens não nos captivam apenas, impõem-se nos como individualidades proeminentes, a quem é forçoso rendermos homenagens de respeito e de reconhecimento.

No numero d'esses homens figura brilhantemente José Alves Pimenta d'Avellar Machado.

Desde os bancos das escolas até á elevada posição social, em que hoje se encontra, destaca-se nos sempre o trabalhador intelligente, infatigavel e honrado, que, na sua longa carreira politica, tem despretado titulos honorificos, que bem merecia, e, o que é mais, nunca poz o seu alto valor politico ao serviço dos seus interesses pessoaes.

E' um illustre coronel d'engenharia, porque, tendo conseguido, pelos seus meritos, ser official d'esta arma, lhe pertence de direito este tão elevado posto.

E' um digno par do reino, que é apenas logar d'honra, porque, tendo sido deputado da nação em muitas e successivas legislaturas, sem opposição, e tendo desempenhado gratuitamente importantes comissões de serviço publico, o seu nome estava justamente indicado á munificencia regia.

Aqui está o que Avellar

Machado tem ganho com a politica!

E, se o apreciarmos pelos relevantes serviços que tem prestado a este circulo, encontraremos n'elle um verdadeiro benemerito.

Vimol'o hontem emprehen-der e conseguir, ao cabo de uma luta porfiada, esse grande melhoramento do abastecimento d'aguas em Abrantes, que, por si só, immortalisa o seu nome.

Vemol'o hoje abrir ao commercio e ás industrias muitas estradas e outras vias de comunicação facil.

Amanhã haremos de vel'o completar a sua nobilissima empreza de espalhar a instrucção pelos povos, promovendo a criação de escolas, a construção dos respectivos edificios, alem d'outras obras de manifesto interesse publico.

E quanto lhe devem as corporações administrativas e collectividades d'este circulo?!

Umas vezes, alcançando do governo subsidios importantes para ellas applicarem a melhoramentos locais.

Outras vezes, solicitando e conseguindo de quem quer que seja donativos valiosos para certos fins de reconhecimento da utilidade.

E sempre, com a sua poderosa influencia, removendo difficuldades e desfazendo attritos, que frequentemente se dão na sua marcha governativa.

Tudo isto, a par dos seus cargos officiaes, representa um trabalho espantoso, e, sobretudo, uma dedicação incomparavel pelos interesses d'este circulo.

Mas ha mais.

Não esqueçamos a serie de favores pessoaes que Avellar Machado está prestando constantemente, e até ás vezes aos seus proprios adversarios.

As cartas que recebe e as pessoas que o procuram diariamente, implorando o seu valioso patrocínio, contam-se ás dezenas.

E é notavel como Avellar Machado, no meio de tantas labutações, responde ao pobre e ao rico, a todos escuta attentiosamente, e, sempre que

lhe é possivel, a todos serve de boa vontade.

Nunca mais o circulo d'Abrantes terá um procurador tão solícito e dedicado.

Por isso o seu nome corre de boca em boca, glorificado por todos que teem olhos para ver as suas obras e espirito claro e imparcial para devidamente as apreciarem.

Saudamos, pois, Avellar Machado.

Abrantes 13—12—902.

A. BAIRRÃO.

## CAMINHANDO

**S**EMPRE prompto a coadjuvar todas as iniciativas que tenham por fim o derramamento da instrucção popular, eis o motivo porque venho em seu auxilio.

O atrophiamiento do cerebro é uma das calamidades mais terriveis para a vida de um povo, constituindo por assim dizer, uma das armas mais habéis, com que se servem os inimigos do progresso e da civilisação.

E' por isso muito digno, honroso e humanitario, para todos aquelles que tentam por qualquer modo incutir, no espirito d'esse mesmo povo, o conhecimento indispensavel da sua supremacia.

Quem diz povo, diz uma nação, uma cidade, uma villa ou aldeia.

N'este caso, está comprehendida a mais formosa povoação do concelho de Abrantes — Rio de Moinhos, minha terra natal.

Sim, senhores! Rio de Moinhos tem jus a ser considerada como um povo civilisado, e é n'esse sentido que todos os esforços e boas vontades se congregam.

Bem hajam os que reconhecem o direito que lhes assiste tentando por uma forma sacrosanta e justa arrancar a das densas trevas em que está mergulhada.

Lisboa. ANTONIO PEREIRA.



## LXX

## → Os mentirosos ←

**E**RGUER almas envolvidas em sombra á plena luz radiosa, é libertal-as para a verdade e para a compreensão do que é justo e bom.

E' vêr Deus. E vêr Deus, é contemplar nas serenas e constelladas noites o azul immenso e profundo do ceu, n'elle vaguear o olhar dos olhos commovidamente, e n'esse olhar calmo e vidente deixar ir a alma através de quantos sonhos carinhosos amar o nosso coração.

E quem sentir a alma commovida perante o ceu d'essas serenas noites constelladas, como um grande velludo picado de milhares de luzes coruscantes, é que esse *alguem* já vê mais alguma coisa além das negras e tristes manchas da terra.

E quem, n'uma d'essas lindas e mysteriosas noites d'inverno, tão escuras na terra e tão cheias de luz no ceu, ou n'uma d'essas socegadas e enternecidas noites d'agosto, mornas e perfumadas, experimentar durante o seu recolhimento venerando e estasiado a perturbação indefinível de um calafrio intimo,—é que esse *alguem*, participando do infinito, já vê maior distancia que a dos sete palmos de terra da sua cova.

E quem vê isto e se sente commovido, é porque já tem a alma exposta á luz que vem da eterna natureza, fugida á escuridão das coisas más e duvidosas. E verá o fundo do ceu com a luz da sua alma illuminada; e verá a justiça com as bondades do seu coração redimido. Será bom e será justo.

E quem fôr bom e quem fôr justo, subirá para Deus e será perfeito, ensinando, amando e perdoando.

E' esta a luz que vem do alto, que vem de cima, que salva, que absolve e que purifica.

Lisboa.—Dezembro 902.

AMADEU DE FREITAS.

**L**UIS era um mentiroso; toda a gente o sabia e tanto bastava para que ninguém fizesse caso das suas palavras.

Acostumara-se a faltar á verdade, a trocá-la sem mais vantagem, só pelo prazer estúpido de mentir; e por mais que lhe ralhassem e até o castigassem, não tinha mão em si que não baralhasse as mais insignificantes coisas dizendo sempre o contrario do que era.

Não havia meio de lhe incutir no espirito o simples e bello culto da verdade, dita sem refulhos nem evasivas. Por isso a sua companhia era enfadonha e a sua conversa não passava d'uma algaravia sem nexo, a que se não prestava attenção.

Se *alguem*, que viesse procurar os paes, o encontrava no jardim e lhe perguntava se estavam em casa, o trapalhão e preguiçoso em vez d'ir saber, respondia o que lhe vinha á cabeça; acontecendo muitas vezes comprometter as pessoas de casa dizendo que não, quando estavam, ou que sim, quando todos tinham sahido.

— «Luis—perguntava-lhe a mãe—já estudastes a tua lição?»

— «Já estudei, sim, mamã.

— «Então vae brincar.

O garoto ia sem remorso e muito satisfeito com a esper-teza tola de ter enganado a pobre senhora, em seu desproveito. No dia seguinte não sabia a lição e ainda tinha o arrojo de accusar a mãe porque o tinha deixado ir brincar, porque não lhe punha os livros diante do nariz, porque não lhe mettia a pena na mão para fazer os seus *deveres*, porque lhe faltava o papel, a pedra, o lapis, tudo emfim, que só elle tinha obrigação de guardar e ter no seu lugar, e queria que fossem os outros para se livrar de responsabilidades. São sempre assim os mandriões!

Na escola era sempre o ultimo, as suas notas eram as peores, e não havia compa-nheiro que intimamente o não desprezasse, embora ás vezes se risse das suas graçolas de mentiroso.

A mãe tinha tal desgosto de o ver assim que nem já se atrevia a leva-lo a parte alguma; porque é uma verdadeira vergonha para uma mulher honesta ter um filho que é já em creança um trapaceiro, o que quer dizer que será em crescendo um homem desacreditado, sem fé nem palavra para os seus negocios.

Não tinha o menor interesse pelo estudo e nem mesmo para ler um conto ou uma historia, coisa que tanto interessa e diverte as crianças intelligentes e bem educadas, se lembrava de pegar n'um livro! Tambem, se pegasse, era livro perdido porque enodoava tudo e tudo estragava, não passando de uns horriveis borrões os seus cadernos de escripta.

Como quasi sempre acontece, juntava a mandriice á mentira e para não o mandarem ao collegio muitas vezes inventou doencas em que a pobre da mãe por muito tempo acreditou. Depois, para se desculpar nas aulas, queixava-se da boa senhora que o mandára para a cama sem estudar, ou que o levára a passeio ou visitas, em que elle fôra o que mais se divertira, claro.

Desleixado no corpo como na alma, tudo quanto fazia era mal e sujo; sem graça nem elegancia, era uma desconso-lação vê-lo e ouvi-lo.

Por fim até a propria mãe já não o acreditara, e quando uma mãe não tem confiança n'um filho é porque nada ha a esperar do seu character. Só por obrigação se podia aturar um *trasgo* assim, porque na sua inconsciencia e desattenção a todos faltava ao respeito, odiando os professores que amofinavam por lhe abrir o caminho da instrucção por onde a alma se pode expandir e enobrecer, despresando quem o aconse-



lhava, desattendendo os superiores, aborrecendo os eguaes.

Tal era o pequeno Luis, motivo de troça e desprezo dos indifferentes; desespero e desconsolação para aquelles que, apesar de tudo, o amavam ainda.

Um dia, á hora de ir para o collegio, queixou-se de dores de cabeça, mas tanta vez tinha dito o mesmo sendo mentira, que ninguem fez caso do que dizia e fizeram no ir á força.

Á porta perguntaram lhe os companheiros:

—«Tu o que tens, Luis, estás tristonho!»

—«Doe-me a cabeça.

Como era desculpa sabida quando não tinha aberto o livro, todos desataram á gargalhada dizendo que elle nem tinha visto a lição.

Na aula, quando o professor o chamou, não disse coisa com coisa, pedindo desculpa por se achar incommodado; mas como o expediente era já conhecido e a balda velha, o professor não acreditou palavra, pensando que era, como de costume, apenas desculpa de mau pagador e poz-lhe pessimas notas.

Veio o pequeno para casa e na verdade a mãe estranhou lhe o parecer, mas o pae, duvidoso de tal doença, ainda lhe ralhou e o mandou estudar.

Á hora do jantar já não levantava a cabeça enfebrada e mal podia abrir os olhos, tendo de ser mettido na cama.

Imagine-se o desespero dos infelizes paes quando o doutor lhes disse que o pequeno estava perigosamente doente, não dando mesmo nada pela sua vida. E' certo que elle os desconsolava muito com o seu mau proceder, mas, apesar d'isso, estimavam no como os paes estimam sempre os filhos, ainda os que menos o merecem.

De noite e de dia não descançou a pobre mãe um instante, quando o medico lhe não asseverou a possibilidade da cura.

Mas o Luis, que no fundo

não era mau, de tanto que por sua causa via a mãe soffrer, começou a pensar, a pensar, e um dia disse lhe:

—«Oh mamã, diga me uma coisa, gosta de mim?»

—«Tu debes saber que sim, que gosto muito, apesar de tanto que, por culpa tua, me tens feito soffrer.

—«Eu não tenho culpa de estar doente!...

—«Isso tens, toda a culpa. Se não fosses um mentiroso e um preguiçoso, que a todo o ponto inventavas doenças para não ires á escola, já nós não tínhamos tido o desgosto de te mandar quando estavas verdadeiramente doente. Vês o teu castigo? A primeira vez que fallaste verdade ninguem te acreditou, nem os teus proprios paes!...

A mãe chorava, e o pequeno, não podendo tambem conter-se, escondeu o rosto com as mãos e poz-se a soluçar. Via bem claramente a grandeza dos seus defeitos e sentia-se acabrunhado, perfeitamente arrependido, mas sem saber como vencer-se.

—«Luis—chamou a mãe carinhosamente—ainda é tempo de te emendares, podes reabilitar-te e vires ainda a ser um rapaz honesto, um filho que seja a minha alegria e o meu orgulho.

--«Oh! mamã, eu queria mudar-me, mas não sei, não posso!...

—«Podes, porque se podes tudo quanto queremos desde que nos guie uma vontade persistente, a certeza de que trabalhamos para a nossa felicidade. Queres emendar-te por completo?

--«Quero.

—«Promettes com firmeza de caracter, como se nunca tivesses sujado a alma com uma mentira?

—«Sim, sim, mamã.

—«Pois bem, serei a primeira pessoa que confie em ti, e ajudar-te-hei a vencer esse mau habito. Desde que eu, tua mãe, seja tua fiadora, ninguem ousará duvidar da sinceridade da tua regeneração.

—«Mas como hei de tirar

este costume? A's vezes minto sem querer!...

—«Vê o que fazem os vicios! Apossam-se por tal forma do nosso espirito que são mais senhores d'elle do que nós mesmos! Tu vaes começar por não dizeres nada sem primeiro perguntares á tua consciencia se será a pura verdade e se o que vaes dizer é de algum interesse para ti ou para os outros. Não ha nada mais inutil do que fallar sem que das nossas palavras se tire algum proveito.

—«Mas então, mamã, hei de estar sempre calado?

—«Não, porque basta olhares para tudo quanto te cerca e desejares saber a sua significação a historia para teres muita coisa util e verdadeira a dizer. Olha, por exemplo, não achas lindo o sol, que tão carinhosamente te vem visitar e aquece as tuas pobres mãos de doente?!

—«E' lindo, é! Donde lhe vem o calor que me consola?

—«O sol é uma estrella como tantas que vês, mas essas estão a milhões e milhões de leguas, por isso te não chega o seu calor. Este é o nosso guia, o eixo da nossa existencia, é elle que nos dá a vida e a luz e, como a nós, a dá a outros plânetas... Mas, o melhor é tu leres a sua descripção, feita por quem mais sabe e melhor o pode explicar do que eu. Queres que te empreste um livro em que possas estudar isso da maneira mais comprehensivel para os teus annos?

—«Pois sim, mamã, empreste-me já esse livro.

—«Vês como te podes entreter e melhorar dirigindo a tua attenção para a boa natureza que nos rodeia? Foi ella que te deu a vida animal, será ella tambem que ha de ajudar a seres um ser pensante, racional e bom, porque só a bondade e a intelligencia nos tornam superiores. Aqui tens um livrinho simples feito para as creanças comprehenderem a descripção do sol, o bom astro que nos alumia e aquece. Vaes lê-la em quanto eu vou dar umas or-



dens e mandar vir um caldito para tomares. Até já.

--«Venha depressa mamã-sinha!...

Quando voltou ainda o pequeno estava embebido na leitura.

--«Já sabes então o que é o sol?

--«Já sei; é muito interessante.

--«Não é? Mais do que tu poderias imaginar se quizeses mentir, não é assim?

--«Podia lá imaginar coisa tão grande!

--«Já vês que a vida, aquilo que nos rodeia e parece pequeno é imenso e é bello. Para um pessoa verdadeiramente illustrada nada existe que seja pequeno e inferior e tu verás com o tempo que não ha imaginação nem mentira que sobreleve a verdade.

N'este momento entrava a criada que trazia o caldo, o Luis torceu o nariz com enjôo e disse para a mãe que não tinha vontade de o tomar que já lhe aborrecia tal comer.

--«Mas é preciso que o tomes-- respondeu-lhe com doçura, que não excluia uma grande firmeza, a mãe.

--«Só se a mamã ficasse todo o dia ao pé de mim.

--«Não te repugna completamente, visto que o tomarias por interesse.

--«Não gosto muito, mas para a mamã ficar ao pé de mim fazia esse sacrificio.

--«Pois filho, andarias mal se fizesses tal e eu ainda peor se o consentisse, porque não devemos nunca, entendes? nunca! fazer o nosso dever com mira no interesse e na paga. E' preciso, pois, que bebas o teu caldo e vaes bebê-lo.

--«Mas prometta a mamã ficar...

--«Não, filho, não poderia cumprir, e eu não quero nunca faltar aos meus compromissos.

O pequeno resignou-se e bebeu, certo de que poderia contar com as promessas da mãe quando ella lhas fizesse.

--«E' verdade-- lembrou ella--sabes o que é isso que vaes metter na bocca?

--«E' pão -- respondeu o pequeno.

--«E o que é o pão?

--«E' feito pelos padeiros...

--«Não te pergunto quem o fez, pergunto-te se sabes como foi criado e tratado o trigo de que o fizeram até chegar a ser um dos melhores alimentos do homem.

--«Isso não sei.

--«Ai filho, como é completa a tua ignorancia! Não tens visto nada mesmo por vontade de fechar os olhos. Quantas vezes no inverno não terás passado pelo campo arado e revolvido esperando a semente que na terra hade ser fecundada!

Quantas vezes não terás visto essas finas hastes que o menor vento faz oscillar como ondas de um mar de esmeraldas?!... Depois, o bom sol criador, de que já conheces um pouco a historia, amadurece as cearas que se tornam amarellas como se dos seus raios algum oiro lhes ficasse. A espiga inclina-se ao peso do grão, toda a planta esmorece, como quem cumpriu a sua missão e resignadamente se deixa morrer. E' o tempo da colheita: homens e mulheres, sob as soalheiras de junho, não descansam no labor de ceifar, enfeixar e por em médas o trigo que depois irá para a eira ser debulhado e secco, para que mais tarde o vejas levar ao moleiro que t'o restitue na farinha branca e leve de que os padeiros te fabricaram esse pão que mastigavas indifferentemente, como o pode fazer o teu cão ou o gato.

--«Mas que difficuldade para chegar a isto!

--«E' para que saibas que nada se faz sem muito trabalho e paciencia. A mais simples das regalias de que nós gosamos, custou seculos de persistentes estudos e trabalhos incalculaveis ao homem. Mesmo este trabalho da cultura do trigo, que te descrevi o mais ligeiramente possível, já hoje se faz mais rapida e perfeitamente com machinas, mas o processo no

fundo é identico. No entanto, aqui tens um artigo n'este livro que já te serviu para conheceres o sol, que melhor te explicará tudo o que te disse. Lê o pois emquanto vou tratar das minhas obrigações.

Foi desde esse dia que Luis começou a sua educação moral, aprendendo e ordenando ao mesmo tempo o espirito, habituando se á correcção das palavras e veracidade dos pensamentos, primeiro passo para a correcção das acções.

Em breve se tornou, ao contrario do que era d'antes, uma creança encantadora, cuja conversa agradava a todos e com quem se podia contar, seguro de si, por que só fallava com a certeza de não errar--um futuro homem de bem, emfim!

Porque ninguem imagine que pode fazer um homem ou uma mulher honesta da criança mentirosa, covarde, intriguista, preguiçosa ou vaidosa.

Não se pode ser honrado na vida publica sem o ser na particular, assim como o contrario é um contrasenso e uma hypocrisia.

Luis será um homem honrado, eis o que hoje alegre e envaidece os paes que tanto soffreram d'antes com as suas faltas, felizmente e completamente redimidas.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

Sutubal.

Não ha bens nem mais absolutamente nossos nem mais duraveis e fecundos do que aquelles que se adquirem com o espirito. O saber é assim uma riqueza e um consolo; com elle, ampliamos os nossos recursos de ganha pão; com elle, conseguimos evitar ou attenuar muitos dos fataes e dolorosos revezes da existencia.

E meus meninos, peço-lhes que attentem e considerem na resposta d'aquelle naufrago, que, na hora do perigo, não procurava salvar os seus haveres, aos companheiros que



o procuravam tornando d'arte ainda mais arriscada a já arriscada vida e que lhe estranhavam o não procurarem também:

Pois para quê, se os trago sempre comigo?!—e aponta a cabeça.

Era um sabio

FRANCISCO CARRELHAS.



## VOX POPULI

Como a luz que tem a lua  
E' do sol d'onde provém...  
Assim depende também  
A minha vida da tua!

Não é por ser grande, a chamma  
Que dá a luz mais intensa...  
Muito se engana quem pensa  
Que muito exige quem ama!

O meu amor! Tenho medo  
De o dizer a minha mãe...  
O amor é um segredo  
Que se não diz a ninguém!

De tanta vez que me viste,  
Nunca me viste chorar...  
E' que eu bem sei disfarçar  
Cantando quando estou triste!

Que ha no mundo que não traga  
Alguma compensação?!...  
Eu dei-te o meu coração...  
«Amor com amor se paga!»

Se ante-vejo o céu aberto  
Perante a tua belleza,  
Veria Deus, com certeza,  
Se te visse mais de perto!

João de Deus Ramos.

Coimbra — 1902.

## A melhor amiga

**I**RMÃOS—ambos tinham sido embalados no mesmo affectuoso regaço, alimentados pelos mesmos carinhosos seios e recebido as doces caricias da mesma mãe.

Cresceram.

As contingencias e eventualidades da vida fizeram com

que ambos abandonassem a casa materna.

Correram mundo.

De boa apparencia, amaram e foram amados. Sentiram todas as commoções do amor, e viram-se abraçados e enleados nos niveos braços de mulheres ardentes e formosas.

Passaram-se tempos.

Um dia, surpresos, receberam aviso de que sua mãe, moribunda, desejava despedir-se d'elles para a mysteriosa viagem...

Voaram, e uma triste coincidência fez com que entrassem ambos, ao mesmo tempo, no quarto de sua mãe.

Mudos, anciosos, a procurarem a, com a vista, apenas encontraram um cadaver...

E então elles, que no mundo tinham experimentado todas as emoções de anhelante amor, que tinham visto, em seus braços, as mais fermosas mulheres, cujos labios humidos se collaram amorosos aos seus, n'este momento solemne, orphãos, sós, o coração despedaçado, o olhar muito aberto e marejado de lagrimas, cahiram nos braços um do outro, e apenas tiveram esta phrase que lhes brotou espontanea dos labios, entrecortados de soluços, apontando para o cadaver inanimado de sua mãe:

— A nossa melhor amiga!!...  
Dezembro 902.

OLIVIER.



## As criancinhas

AOS MEUS FILHOS BRANCA E MARIO

— Boa noite mamãzinha!  
— Boa noite meu amor!  
«Ajoelha na caminha  
«E resa a Nosso Senhor!

«Olha bem p'r'aquella cruz,  
«Põe as mãosinhas assim  
«E pede a Elle, a Jesus,  
«Que não te aparte de mim.

«Reso pelo teu papá,  
«Que de nós foi tão amigo;  
«Pede a Deus, que no céu 'stá,  
«Para o ter sempre Comigo.»

— Sim, mamã vou já resar!  
Diz á mãe a criancinha,  
Quasi já a dormirar,  
Co'a sua debil vozinha.

Resou, mas adorn.eceu,  
N'um doce dormir, profundo;  
Dormir que Deus concedeu  
Aos bons que vivem no mundo.

Noite velha, a creancinha  
Sonha que o querem tirar  
A sua querida mãezinha  
Que o não póde salvar!

Tirado sem compaixão  
Da sua pequenina cama,  
Ouve uma voz de trovão  
Que de longe assim o chama.

— Levanta-te e vem depressa  
«Que teu corpo é meu agora!  
«Ergue-te, que a noite cessa,  
«Já vem nascendo a aurora!

«Falaste ao Senhor Eterno  
«Resaste-lhe uma oração?  
«Que te livre do inferno  
«Agora tal protecção!»

Ao sumir-se tal falar,  
Surgiu uma lioda luz  
E anjinhos a cantar,  
Com o menino Jesus.

Logo Satanaz fugiu  
P'r'o inferno, desesperado;  
E Jesus se dirigiu  
Ao menino 'inda assustado.

Beijando da criancinha  
As faces já cor de rosa,  
Senta-se ao pé, na caminha,  
E diz com voz maviosa:

— És, bem sei, um bom 'studante,  
«E da mamã muito amigo;  
«Sê nisso sempre constante  
«Que sempre estarei contigo.

«Se faltares ao dever  
«P'ra com a mamã e o mundo,  
«Não te virei proteger  
«Do Satanaz furibundo!»

Disse isto o meigo Jesus  
E, sereno, ao céu voou  
Com os anjinhos e a luz!...  
A criancinha acordou.

Lisboa 16 — 12 — 902.

AYRES CLAUDIO DA COSTA.  
(Hippion).

## No Sanctuario

Do Red.º P.º Francisco Sequeira, de Portalegre, recebemos a amavel offerta do seu primoroso livro de versos — «No Sanctuario».

Agradecemos.



## Instrução e educação

A instrução é indubitavelmente o elemento primacial do progresso e do bem estar das nações.

Um povo que sabe ler é um povo feliz, porque é a sciencia que ensina todos os mil variados meios de crear e augmentar a riqueza publica.

Mas essa prosperidade material que, em regra, coincide com um grau elevado de cultura nos povos, não é sómente funcção do desenvolvimeto intellectual. A par do cultivo do cerebro, é indispensavel que a educação phisica e a moral não seja descurada.

Ensinar o povo a ler é como que abrir lhe os olhos para a luz; mas se o espirito estiver obsecado pelos ruins instinctos, ou se os costumes forem depravados, para que lhe servirá esse clarão com que o *abc* lhe rasga novos horisontes?

Entre um sabio ladrão ou assassino, e um cavador ignorante e rude mas sincero, leal, simples e bom qual é preferivel ou mais util á sociedade?

Por isso eu penso e commigo muita gente boa está hoje convencida de que o saber ler é um grande passo no sentido de melhorar a sorte do povo, mas não é tudo, nem é bastante como systema de educação.

E' necessario que em todas as escolas desde a elemental até á Universidade, além do ensino litterario e scientico se attenda ao desenvolvimento physico e se cuide tambem de radicar no animo dos alumnos aquellas virtudes e aquelles principios que mais podem contribuir para a grandeza moral das gerações, fixar-lhes o caracter, inculcando-lhes um alto conceito do valor e das qualidades da sua raça, e uma vontade ardente de se distin-

guirem no struggle for life, na paz ou na guerra.

Um dos grandes senão o maior de todos os commettimentos a tentar a audacia e o genio de um verdadeiro estadista seria uma reforma em novas bases de toda a Educação nacional no sentido pratico e positivo que a vida moderna exige.

Haveria muito que fazer, muita velharia poeirenta a sacudir e muitas practicas e ensinamentos novos a implantar nas Escolas e nos costumes, para que a raça portugueza se levante d'esta *apagada e vil tristeza*, e volte a parecer se com o que foi outr'ora, n'aquelles tempos idos...

10—12—902.

A. T.



## ESCOLAS

O recenseamento escolar do concelho de Abrantes accusa um numero elevadissimo de creanças de ambos os sexos em idade de frequentarem a escola.

Eis por freguesias o que nos diz esse recenseamento:

Numero de creanças em idade escolar recenseadas no concelho de Abrantes, no anno de 1902.

Freguezias	Sexos	
	Masculino	Feminino
Aldeia de Matto.....	75	48
Alvega.....	175	134
Bemposta.....	73	58
S. Facundo.....	96	92
S. João Baptista.....	58	70
Martinchel.....	38	30
S. Miguel do Rio Torto.	212	240
Mouriscas.....	196	231
Pego.....	181	163
Rio de Moinhos.....	122	123
Rocio de Abrantes....	96	59
Souto.....	288	238
Tramagal.....	119	111
S. Vicente Martir.....	324	327
<i>Somma...</i>	2:053	1:924

Ora para dar o pão espirital a 2:053 creanças do sexo masculino possui o nosso concelho 14 professores officiaes, um em cada uma das

freguesias de que se compõe o mesmo concelho.

E para desenvolver o espirito e formar o coração a 1:924 creanças do sexo feminino, que serão as esposas e as mães de amanhã, temos cinco escolas officiaes em todo o concelho e quatro particulares.

Dá-se porem em Abrantes o que se dá em todo o paiz, e precisamente o contrario do que se dá em todas as outras nações civilisadas — não procuramos na escola a defeza contra as eventualidades do futuro.

Pretendemos passar por um povo civilisado e offerecemos á admiração do mundo quatro milhões de alphabetos contra uma população de cinco milhões de habitantes!

Abrantes carece de escolas sufficientes para ministrarem instrução a 3:977 creanças. Por isso mesmo, apelamos para a camara, apelamos para a Sociedade João de Deus, afim de iniciarem uma propaganda activa e efficaz em favor da instrução elemental.

Desde que o governo nos exige annualmente, para as despesas da instrução primaria, uma quantia equivalente a um quarto da receita total do municipio, quando essas despesas pouco vão além de 4 contos de réis, cumpre á camara pedir e repedir a criação de outras escolas.

A sociedade João de Deus não pode nem deve de permanecer por mais tempo indifferente ao actual estado de coisas.

Cumpre-lhe auxiliar a iniciativa do estado, cumpre-lhe tornar-se benemerente, por isso que nos seus estatutos assumiu em especial a missão caritativa e civilisadora de promover a instrução popular no concelho de Abrantes, creando escolas.

Inspire-se nos trabalhos praticos das associações portuguezas *Martins Sarmento* e *Voz do Operario*, na Liga do Ensino em França e na Belgica.

Abrantes tem o dever moral de tornar proveitoso o methodo de João de Deus, porque foi das primeiras terras do paiz a reconhecer em grande apothese a sublimidade da instituição desse methodo.

Não nos permite o pouco espaço de que dispomos desenvolver diversas considerações sobre o ensino nas freguezias do concelho, e que faremos em artigos subsquentes.

Concluimos pois, afirmando que se é certa como realmente é, que apesar de esforços empregados não tem sido possivel fazer descer a verba destinada ás despesas com a instrução no nosso concelho ao seu junto limite não é menos certo que neste momento se tenta a criação de algumas escolas e a construção de edificios proprios.

Para conseguirmos estes melhoramentos, temos junto do governo um benemerito de Abrantes, que não descara um momento os interesses do antigo circulo que, com provada independencia e em successivas legislaturas, lhe conferiu o honroso mandato de seu representante em cortes, Refertmo-nos a Avellar Machado.



## A formação d'uma escola

Ensinae a ter os pequeninos, combatei com fé a ignorancia, empenhae-vos na luta com constancia e de vossos applausos sereis dignos.

E' bello quadro o de meninos ouvindo as lições, sem relutancia, d'um mestre bom, sem arrogancia causa talvez de dezatinos.

Sêde carinhosos para os pobres que da vida conhecem só espinhos. Avante campeões de idéas nobres!

Abri a escola aos pobresinhos, dae-lhes luz de saber; e... alguns cobres, que fato precisam, coitadinhos.

Lisboa — 6 — 11 — 902.

A. F. OLIVEIRA.

## CORRESPONDENCIA

Recebi as — *Folhas Soltas* — Numero muito interessante e digno de mais de todo o apreço pelo fim sympathico a que se destina. Está magnifico o retrato do nosso querido João de Deus.

Queira inscrever como assignante o sr. Conde de Tondella. E remetto 15000 réis, sendo 500 réis meus e 500 réis daquelle meu amigo.

COSTA GOODOLPHIM.

Lisboa.

Accuso recebido e agradeço o primeiro numero das *Folhas Soltas*.

Attendendo ao fim tão util e levantado a que o producto do n.º especial de 24 paginas é destinado, aguardo e espero as restantes folhas, pondo desde já ao seu dispor a quantia de 500 réis.

JOSÉ M. PIRES.

Abrantes.

Recebi os 70 exemplares do primeiro numero das *Folhas Soltas*.

Desnecessario será dizer que tiveram um acolhimento tão digno como digno e patriota é o fim a que se destina o producto da venda.

Nem outra cousa era de esperar por parte d'aquelles que se interessam a valer pelo progresso de instrucção popular.

Queira enviar-me na volta do correio, mais 22 exemplares.

ANTONIO PEREIRA.

Lisboa.

## PARA A PUBLICAÇÃO DAS FOLHAS SOLTAS ASSIGNARAM

(CONTINUAÇÃO)

Expl.

### Os Senhores:

Henrique Bento — <i>Rio de Moinhos</i>	1
Hermelindo Pacheco — <i>Lisboa</i> ...	1
Izidro de Jesus Baptista — <i>Abrantes</i> ...	5
CAPITÃO Jacinto Carneiro e Silva — <i>Idem</i> ...	1
João Alves da Silva — <i>Covilhã</i> ...	5
João Pedro Alves — <i>Abrantes</i> ...	1
João Pereira — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
João Soares Esteves — <i>Lisboa</i> ...	1
PADRE Joaquim Nunes Bernardo — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
José Alexandre D. Pinto Serrão — <i>Sardoa</i> ...	1
José Alves Pimenta Avellar Machado — <i>Lisboa</i> ...	1
José Baptista Damasceno — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
José Crispiano Alves Casquilho — <i>Thomar</i> ...	1
DR. José Damas Mora — <i>Lisboa</i> ...	1
CONSELHEIRO José Eduardo Simões Baião — <i>Santarem</i> ...	1
José Maria Ayres — <i>Rio de Moinhos</i>	1
José Maria Damas — <i>Idem</i> ...	1
José Maria Mora — <i>Lisboa</i> ...	1
José Maria Pires — <i>Abrantes</i> ...	1
José Pedro Marques — <i>Idem</i> ...	1
José Pimenta Segurado Avellar Machado — <i>Lisboa</i> ...	1
José Vicente Pinho — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
José Vicente Souza Nogueira — <i>Idem</i>	1
João B. Saldanha F. e Serra — <i>Sardoa</i> ...	1
DR. João Felicissimo — <i>Idem</i> ...	1
João Marques Pinto — <i>Abrantes</i> ...	1
João dos Santos Pereira — <i>Sardoa</i>	1
CAPITÃO Julio Lopes de Oliveira — <i>Lisboa</i> ...	2
DR. Ludgero A. Moreira — <i>Gollegã</i>	1
Luiz Conceição — <i>Thomar</i> ...	1
Luiz da Silva Catharino — <i>Envidos</i> ...	1
Luiz Filipe — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
Luiz Vieira — <i>Idem</i> ...	1
Manoel Alexandre — <i>Valle de Zebro</i>	1
Manoel da Costa Flor — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
Manoel Diogo — <i>Idem</i> ...	1

Manoel Gonçalves Esteves — <i>Idem</i>	2
Manoel Lopes Secco — <i>Idem</i> ...	1
DR. Manuel Martins — <i>Abrantes</i>	1
Manoel Rodrigues Mousinho — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
Manoel V. Pinho — <i>Idem</i> ...	1
Manoel V. Souza Nogueira — <i>Idem</i>	1
Maximo Martins Salgueiro — <i>Sardoa</i> ...	5
Simão Luiz Ferreira — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
Thiago H. Solano d'Abreu — <i>Abrantes</i> ...	30
Vicente Freire Themudo Annes de Oliveira — <i>Constancia</i> ...	20
Victor Alvaro Pereira — <i>Rio de Moinhos</i> ...	1
Victor Gonçalves da Silveira — <i>Mafra</i> ...	10

No proximo numero daremos os nomes das excellentissimas senhoras e cavalheiros que nos deram a honra da sua assignatura posteriormente ao apparecimento do primeiro numero das *Folhas Soltas*.

## D. Anna de Castro Osorio

devido á pena d'esta distinctissima escriptora o primoroso conto que sob epigraphe — *Não saber ler*, publicámos no primeiro numero das *Folhas Soltas*.

Cumpre-nos reparar a falta commettida com a ommissão do nome da festejada escriptora, tão notavel na nossa litteratura e que tão bem sabe fallar ás creancinhas na sua primorosa bibliotheca *Para as creanças*, e folgamos em dar aos nossos leitores a agradável noticia de que sua ex.<sup>a</sup> dar-nos á ainda a subida honra de collaborar nas *Folhas Soltas*, o que agradecemos, reconhecidos.

## EXPEDIENTE

As *Folhas Soltas* publicar-se-ão em numeros illustrados de 4 ou 8 paginas, mensalmente

Para assignar: — Pharmacia Pires — *Rio de Moinhos*.

### PREÇO

Serie de 24 paginas... 100 réis  
Numero avulso... 60 »

Na cobrança das assignaturas, feita pelo correio, accresce o premio do vale.

